


ENTRE A ANSIEDADE E A CONQUISTA: EXPERIÊNCIAS EMOCIONAIS DE ADOLESCENTES NO VOLEIBOL DOS JOGOS ESTUDANTIS PARAENSES (JEP'S)

BETWEEN ANXIETY AND ACHIEVEMENT: EMOTIONAL EXPERIENCES OF ADOLESCENTS IN VOLLEYBALL DURING THE PARÁ STUDENT GAMES (JEP'S)

 <https://doi.org/10.63330/armv2n4-006>

Submetido em: 27/04/2026 e Publicado em: 30/04/2026

Marco Antônio Teixeira de Paula
Mestrando em Teologia pela Faculdades EST

Silvia Clícia Corrêa dos Santos de Paula
Mestranda em Teologia pela Faculdades EST

Charles Klemz
Doutor em Teologia pela Faculdades EST

RESUMO

O presente artigo analisa as experiências e experimentações emocionais de adolescentes participantes das competições de voleibol feminino nos Jogos Estudantis Paraenses (JEP'S), considerando as dimensões subjetivas que perpassam o contexto competitivo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter interpretativo, fundamentada na observação de campo em situações de jogo, preparação e convivência em alojamentos. Evidenciam-se sentimentos como ansiedade, medo, nervosismo e expectativa de vitória, associados a fatores como o desconhecimento das equipes adversárias, a pressão por desempenho, assim como a lógica de um contexto para outro. A análise articula contribuições de Viktor Frankl, Zygmunt Bauman, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Erik Erikson, Leonardo Boff, Rubem Alves, Contardo Calligaris e Paula Sibilía, compreendendo o esporte como espaço de produção de sentidos, disciplinamento dos corpos e construção identitária. Conclui-se que, embora o esporte escolar possua potencial formativo, ele também pode reproduzir lógicas de pressão e controle que intensificam sofrimentos, exigindo práticas pedagógicas mais sensíveis às dimensões emocionais das adolescentes.

Palavras-chave: Adolescência; Emoções; Esporte escolar; Competição; Identidade.

ABSTRACT

This article analyzes the emotional experiences and experimentations of female adolescents participating in volleyball competitions at the Pará State Student Games (JEP'S), considering the subjective dimensions that permeate the competitive context. This is a qualitative, interpretative study based on field observation



during game situations, preparation, and daily life in shared lodgings. The findings highlight feelings such as anxiety, fear, nervousness, and the expectation of victory, associated with factors like lack of knowledge about opposing teams, performance pressure, and the transition from one context to another. The analysis articulates contributions from Viktor Frankl, Zygmunt Bauman, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Erik Erikson, Leonardo Boff, Rubem Alves, Contardo Calligaris, and Paula Sibilia, understanding sport as a space for the production of meaning, the disciplining of bodies, and identity construction. It concludes that while school sports hold formative potential, they can also reproduce logics of pressure and control that intensify suffering, requiring pedagogical practices that are more sensitive to the emotional dimensions of adolescents.

Keywords: Adolescence; Emotions; School sports; Competition; Identity.

1 INTRODUÇÃO

O esporte escolar, especialmente em contextos competitivos, configura-se como um espaço privilegiado de produção de experiências que ultrapassam a dimensão técnica e física, alcançando aspectos emocionais, sociais e simbólicos. Nos Jogos Estudantis Paraenses (JEP'S), adolescentes são inseridas em uma dinâmica marcada por logística, convivência coletiva em alojamentos improvisados e intensa pressão por desempenho, o que vai ao encontro de sentimentos complexos e, muitas vezes, dúbios.

No voleibol, modalidade caracterizada por disputas sucessivas e pela valorização de cada ponto, o jogo assume um caráter que transcende o resultado esportivo, mobilizando expectativas, medos e desejos. O desconhecimento das equipes adversárias, a exigência de rendimento e a expectativa de vitória instauram um cenário de tensão emocional constante, no qual as atletas precisam lidar simultaneamente com o desafio técnico e com a gestão de suas próprias emoções.

Nesse contexto, este artigo tem como objetivo analisar as experiências emocionais e experimentações de adolescentes atletas no JEP'S, problematizando a lógica competitiva e discutindo suas implicações na construção da identidade e na vivência subjetiva dessas jovens. Parte-se da compreensão de que o esporte não é um espaço neutro, mas um campo atravessado por relações de poder, expectativas sociais e disputas simbólicas.

2 ENTRE CORPO, IDENTIDADE E COMPETIÇÃO: O VOLEIBOL COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO SUBJETIVA NA ADOLESCÊNCIA

O esporte, para além de sua dimensão técnica, caracteriza-se como um fenômeno complexo que envolve dimensões físicas, construção da autoimagem e pertencimento social. Ao participar de práticas esportivas, as adolescentes mobilizam não apenas o corpo, mas também elaboram sentidos sobre si mesmo



e sobre o lugar que ocupam no contexto coletivo. Isso se torna importante para o sentimento de pertencimento considerando que, na adolescência, “[...] há múltiplas vivências determinadas pelos contextos socioeconômicos, onde o acesso ao lazer, à educação de qualidade e ao mercado de trabalho é distribuído de forma desigual.” (Paula et al. 2026b, p. 11).

Assim, no caso dos JEP’s, trata-se de uma experiência multifacetada, na qual dor e prazer coexistem, articulando-se em processos de superação, desempenho, reconhecimento e bem-estar. Para além dessas dimensões, é importante destacar que o voleibol, enquanto prática esportiva coletiva, exige não apenas preparo físico, mas também elevados níveis de concentração, foco e equilíbrio emocional:

[...] como um território de alta complexidade, onde múltiplas dimensões do desenvolvimento humano se entrelaçam. Longe de ser uma solução mágica ou um problema meramente disciplinar, sua força reside na capacidade de equilibrar a técnica e a experiência subjetiva, unindo a individualidade ao senso de coletividade e pertencimento. (Paula et al., 2026a, p. 13).

A dinâmica do jogo, marcada por decisões rápidas e sucessivas, demanda das atletas um constante estado de atenção, no qual o desempenho técnico está diretamente articulado às condições psicológicas.

No caso das adolescentes participantes do JEP’S, essa exigência torna-se ainda mais significativa quando se considera a faixa etária entre 14 e 16 anos, período caracterizado por intensos processos de construção identitária e instabilidade emocional. Conforme Erik Erikson (1976), a adolescência constitui uma etapa marcada pela tensão entre identidade e confusão de papéis, o que intensifica a necessidade de reconhecimento e pode potencializar sentimento de insegurança em contextos de exposição e avaliação, como nas competições esportivas, assim configuram-se.

Além disso, é necessário considerar ainda as condições concretas nas quais essas atletas estão inseridas. Muitas delas fazem parte de projetos sociais ou escolas públicas estaduais que, embora desempenhem um papel fundamental de inclusão e formação, frequentemente operacionalizam com estrutura limitada, com treinos realizados apenas algumas vezes por semana e com poucos recursos materiais. Ainda assim, o desejo de participar, competir e se afirmar no esporte revela-se maior do que as dificuldades enfrentadas.

3 ENTRE VULNERABILIDADE, VISIBILIDADE E DISCIPLINA: O ESPORTE COMO CAMPO DE TENSÕES NA FORMAÇÃO ADOLESCENTE

A participação em um evento como os Jogos Estudantis Paraenses, que reúne equipes oriundas de contextos com diferentes níveis ímpares de investimento e desenvolvimento esportivo, intensifica os conflitos vividos por essas adolescentes. Ao confrontarem realidades distintas, as atletas não apenas



competem em termos técnicos, mas também lidam com sentimentos de desigualdade, insegurança e necessidade de afirmação.

Diante disto, o esporte evidencia-se como um espaço no qual vulnerabilidade e potência coexistem. Mesmo diante de limitações estruturais, o engajamento das adolescentes demonstra que o desejo, o pertencimento e a busca por reconhecimento operacionalizam como forças mobilizadoras, capazes de sustentar a permanência e o investimento na prática esportiva.

Na contemporaneidade, os atletas ocupam frequentemente o lugar de heróis, celebridades e influenciadores, tornando-se referências simbólicas, especialmente para adolescentes. Conforme Paula Sibilia (2016, p. 21-25), a cultura contemporânea é atravessada por uma lógica de exposição permanente, na qual a visibilidade se torna um valor central, contribuindo para que o corpo, inclusive o esportivo, seja investido de forte capital simbólico.

É importante destacar, ainda, o crescimento significativo da participação feminina no esporte. Segundo dados do Comitê Olímpico Internacional, a presença de mulheres nos Jogos Olímpicos tem se aproximado da paridade nas edições recentes, alcançando cerca de 48,8% em Tóquio 2020, evidenciando avanços históricos na inserção feminina, embora ainda persistam desigualdades estruturais.

A prática esportiva também impulsiona o desenvolvimento da autonomia, do senso de responsabilidade e da capacidade de lidar com adversidades e posteriores frustrações. Segundo Calligaris (2000, p. 9-12), a adolescência é uma construção cultural marcada pela busca de reconhecimento. Esse processo de amadurecimento é potencializado em espaços sociais que permitem ao jovem experimentar a autonomia e lidar com as frustrações e conquistas inerentes ao crescimento.

Além disso, a interação e dinâmica para com atividades físicas pode favorecer processos de elaboração psíquica de angústias, medos e limitações corporais. Ao enfrentar desafios, as adolescentes passam a reconhecer suas capacidades, desenvolvendo um sentimento de eficácia pessoal. Essa perspectiva dialoga com Viktor Frankl, ao afirmar que “quando não podemos mais mudar uma situação, somos desafiados a mudar a nós mesmos” (Frankl, 1993, p. 90-91), evidenciando que o ser humano se constitui na forma como responde às adversidades, atribuindo sentido às experiências, evidenciando que o ser humano se constitui na forma como responde às adversidades, atribuindo sentido às experiências vividas.

Entretanto, o campo esportivo também impõe normas e expectativas que regulam comportamentos e emoções. A necessidade de desempenho constante e a lógica competitiva fazem com que a demonstração de fragilidade seja frequentemente reprimida, podendo inclusive ser percebida como vantagem para o adversário, evidenciando que não apenas os corpos, mas também as emoções tornem-se objetos de regulação. Nesse sentido, tais dinâmicas inserem-se em uma lógica disciplinar que operacionaliza por meio da internalização de normas e da autovigilância, na medida em que, conforme Michel Foucault, o poder



disciplinar produz “corpos doces” (Foucault, 1987, p. 126-127), evidenciando como os mecanismos disciplinares ultrapassam o corpo e alcançam também a regulação das expressões emocionais.

4 ENTRE EMOÇÃO, RECONHECIMENTO E CUIDADO: MEDIAÇÕES AFETIVAS E REDES DE APOIO NO ESPORTE ESCOLAR

Nesse contexto, a continuidade no esporte muitas vezes exige renúncias, envolvendo disciplina rigorosa, controle emocional e reorganização da vida cotidiana. De acordo com Winnicott (1975, p. 24-26), o desenvolvimento emocional saudável depende de um ambiente capaz de introduzir frustrações graduais. No contexto desta pesquisa, o voleibol apresenta-se como um contexto onde a lida com o erro e a derrota oferece a desilusão necessária para a constituição das pessoas resilientes e conscientes da realidade. Essa derrota é construtiva na medida em que a dor e o sofrimento proporciona experiência que a pessoa levará consigo para outras situações e contextos. (Klemz, 2023, p. 388).

As experimentações emocionais das adolescentes no contexto do JEPS revelam-se de forma particularmente intensas nos momentos que antecedem as partidas. No ambiente do alojamento, frequentemente improvisado em salas de aula regulares, observa-se um estado de inquietação que dificulta o descanso e mantém o corpo em constante estado de alerta. Essa condição pode ser sintetizada na expressão: “Eu tô nervosa, não consigo descansar, amanhã tem jogo”.

Tal experiência dialoga com Zygmunt Bauman (2007, p. 7-9), ao afirmar que a vida contemporânea é marcada pela incerteza permanente. No contexto esportivo, essa incerteza se manifesta no desconhecimento das equipes adversárias e na imprevisibilidade dos resultados.

A dimensão simbólica da competição torna-se evidente quando as atletas projetam a vitória para além da quadra. A afirmação “Já pensou se a gente ganhar e levar a vitória pra nossa cidade?” evidencia o caráter coletivo da conquista, que pode ser interpretado à luz de Bourdieu (1983, p. 136-137), compreende-se que o campo das práticas esportivas não é neutro, mas configura-se como um espaço de lutas entre agentes que disputam a definição legítima do esporte e dos valores a ele associados. No contexto do vôlei feminino, essa disputa reflete-se nas tensões entre a busca por performance e a construção da identidade subjetiva das atletas.

A relação entre desempenho e reconhecimento afetivo também se faz presente. A fala “Se a gente ganhar, minha mãe vai me levar pra jantar em um lugar especial” evidencia a importância do olhar do outro, conforme discutido por Erik Erikson (1976).

Durante as partidas, a intensidade emocional se intensifica. O medo de errar e o peso do julgamento coletivo revelam a constante exposição das atletas, que precisam gerir suas emoções em um ambiente de alta tensão e pressão emocional.



O deslocamento geográfico e a vivência em alojamentos coletivos acentuam sentimentos ambíguos de autonomia e vulnerabilidade, evidenciando a complexidade das experimentações vividas.

Diante disso, torna-se evidente que o esporte escolar não pode ser reduzido ao desempenho. Essa perspectiva dialoga com a noção de cuidado proposta por Leonardo Boff (1999), ao enfatizar a importância de uma postura ética sensível às fragilidades humanas. De forma complementar, Rubem Alves (1980, p. 15-22) propõe uma educação que vá além da lógica do desempenho, valorizando o sentir, o acolhimento e a formação integral do sujeito, defendendo que o ato de ensinar deve estar profundamente vinculado à alegria e à sensibilidade humana. Diante desse cenário, torna-se fundamental problematizar o papel dos profissionais que acompanham essas adolescentes no contexto esportivo. Professores, treinadores e demais agentes envolvidos são mais do que agentes técnicos, constituem-se como mediadores de experimentações subjetivas.

Em contextos marcados por alta competitividade, a ênfase excessiva na vitória pode intensificar sentimentos de ansiedade, medo e insegurança, especialmente em adolescentes que ainda se encontram em processo de formação identitária. Nesse sentido, mais do que cobrar resultados, torna-se necessário desenvolver práticas pedagógicas que considerem as dimensões psicológicas e emocionais das atletas, oferecendo suporte para que possam atravessar essas experimentações de maneira mais saudável, equilibrada e significativa.

Assim, o esporte escolar, quando mediado por profissionais atentos às dimensões emocionais, pode transformar-se em um contexto de desenvolvimento humano maximizado, no qual as adolescentes não apenas competem, mas aprendem a lidar com suas emoções, limitações e possibilidades.

Paralelamente ao papel dos profissionais, é fundamental considerar a importância da família como elemento estruturante na experimentação esportiva dessas adolescentes. Ainda que, em contextos como os Jogos Estudantis Paraenses, o deslocamento geográfico frequentemente impeça a presença física dos familiares, o vínculo afetivo permanece como uma referência essencial de segurança e estabilidade emocional.

A família, nesse sentido, configura-se como um contexto simbólico de estabilidade afetiva, no qual as adolescentes encontram suporte para lidar com medos, inseguranças, adversidades e expectativas. Conforme propõe Urie Bronfenbrenner (1996), o desenvolvimento humano ocorre em sistemas de relações, sendo a família um dos contextos mais influentes na formação de identidade. Mesmo à distância, a presença familiar pode se manifestar por meio de incentivos, mensagens, expectativas e vínculos afetivos previamente edificados.

No contexto esportivo, essa base afetiva torna-se ainda mais relevante, especialmente diante de situações de pressão, competição e exposição. O apoio familiar pode contribuir para que a adolescente se sinta reconhecida para além do desempenho, reduzindo a centralidade exclusiva da vitória como critério de



valor pessoal. Tal perspectiva dialoga com Erikson (1976), ao destacar que o processo de construção identitária depende, em grande medida, do reconhecimento e da validação recebidos nos vínculos significativos.

Por outro lado, a ausência de acompanhamento familiar, ainda que compreensível diante de limitações sociais e geográficas, pode intensificar sentimentos de vulnerabilidade, exigindo das adolescentes maior esforço emocional para lidar com os desafios impostos pelo contexto de competição. Nesse cenário, torna-se ainda mais importante que outros espaços, como a escola e a equipe esportiva, assumam também funções de acolhimento e suporte. É a escola abraçando a diversidade (Klemz, 2019) através do esporte.

Assim, a família, mesmo quando não está fisicamente presente, permanece como uma base fundamental para o equilíbrio emocional e o desenvolvimento das adolescentes, evidenciando que o desempenho esportivo não pode ser dissociado das redes de apoio que sustentam a pessoa.

5 CONCLUSÃO

A análise das experimentações emocionais de adolescentes no contexto dos Jogos Estudantis Paraenses (JEP'S) evidencia que o esporte escolar constitui um espaço complexo de produção subjetiva, no qual ansiedade, medo, nervosismo e expectativa de vitória se entrelaçam de forma significativa. Tais emoções não devem ser compreendidas como elementos periféricos, mas como dimensões constitutivas da vivência esportiva, especialmente em uma fase marcada pela formação identitária.

Ao longo deste estudo, foi possível compreender que o esporte, para além do desempenho físico, mobiliza processos relacionados à construção da autoimagem, ao pertencimento social e à busca por reconhecimento. No entanto, a centralidade atribuída à vitória e ao rendimento tende a intensificar pressões que podem gerar sofrimento, sobretudo quando associadas a contextos de desigualdade estrutural, como aqueles vivenciados por adolescentes inseridas em projetos sociais com recursos limitados.

Nesse cenário, destaca-se a importância da mediação exercida pelos profissionais envolvidos no contexto esportivo. Professores e treinadores, ao assumirem uma postura sensível às dimensões emocionais das atletas, podem contribuir para a edificação de experiências mais significativas, nas quais o esporte não se reduza à lógica do resultado, mas se configure como contexto de formação humana. Tal perspectiva dialoga com a noção de cuidado proposta por Leonardo Boff e com a valorização do sensível defendida por Rubem Alves.

Paralelamente, a família emerge como elemento essencial nesse processo, constituindo-se como base de segurança afetiva e suporte emocional, mesmo quando não está fisicamente presente durante as competições. À luz da perspectiva ecológica de Urie Bronfenbrenner, torna-se evidente que o



desenvolvimento das adolescentes não pode ser compreendido de forma isolada, mas sim a partir das relações / Inter-relações e dos vínculos que as sustentam.

Dessa forma, o esporte escolar revela-se como um espaço atravessado por tensionamentos, no qual coexistem potencial formativo e risco de sofrimento. Quando orientado exclusivamente pela lógica da performance, pode reforçar mecanismos de controle e exclusão; contudo, quando mediado por práticas pedagógicas sensíveis e sustentado por redes de apoio, tem o potencial de promover autonomia, resiliência e edificação de sentido, além de tornar-se um elemento agregador humano.

Assim, mais do que formar atletas vencedoras, torna-se fundamental promover experiências e experimentações esportivas que contribuam para a formação integral das adolescentes, possibilitando que aprendam a lidar com desafios, frustrações e conquistas de maneira significativa, reconhecendo-se como pessoas para além do desempenho.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1980.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes, 1996, p. 18 – 25.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. Gender Equality Review Project. Lausanne: IOC, 2018.

ERIKSON, Erik H. **Identidade: juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, p.128 – 135.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 3. ed. rev. São Leopoldo; Petrópolis, RJ: Sinodal: Vozes, 1993.

KLEMZ, Charles. **Inclusão transversal da diversidade humana a partir da perspectiva da educação e da teologia**. São Leopoldo, RS, 2019. 124 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2019 Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/989/2/klemz_c_tmp348.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2026.

KLEMZ, Charles. Inclusão ou diversidade? **Identidade!**, v. 28, n. 1, p. 385-397, 2023.



PAULA, M. A. T.; PAULA, S. C. C. S.; KLEMZ, C. Entre Redes e Quadras: Identidade, Cuidado de Si e Resignificação no Voleibol Feminino. **Revista Tópicos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 32, p. 1-12, 2026a.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.